

Que estamos ensinando?

João Pessoa de Albuquerque *

Em meados de 91, o empresário Mário Amato, presidente da Fiesp, disse ao advogado João Roberto Moreira Alves (cujo escritório presta assistência a cerca de 500 instituições educacionais do país) que a escola brasileira já não é mais um modelo que interesse ao mundo moderno e ao mundo do trabalho. Tanto assim que o empresariado já estava até pensando em instituir um modelo de escola mais consentânea com a nossa realidade (as palavras poderão não ter sido exatamente estas, mas a idéia, certamente, sim).

Em maio de 1979, no artigo *Expurgo nos programas*, defendi a tese de que o critério da essencialidade é que devia presidir a elaboração dos programas desenvolvidos em nossas escolas, dando-se preferência a conteúdos que tivessem mais efeito multiplicador e menos sentido meramente ilustrativo, tornando-os mais pragmáticos e menos enciclopédicos, de modo a tornar os alunos mais discípulos do que sábios.

Nos dias 2, 3 e 4 de dezembro passado, a Fundação Cesgranrio, a Academia Internacional de Educação, a Academia Brasileira de Educação, a Associação Brasileira de Educação e o Conselho Empresarial de Educação promoveram, no Centro de Convenções do Hotel Glória, um simpósio sobre o *Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, cujos participantes chegaram a um total aproximado de 700 educadores de quase todo o Brasil.

Do painel *A Educação e o Mundo do Trabalho* fui um dos debatedores. Tive a oportunidade de exibir material colhido a esmo em alguns de nossos grandes colégios, composto por avaliações aplicadas em alunos do 1º grau e por livros adotados nas melhores escolas do país.

Vejam as "pérolas" encontradas:

— A arquitetura militar egeana está representada pelas:

- a) Muralhas de Micenas
- b) Muralhas de Corinto, ou
- c) Muralhas de Faistos

— As orações coordenadas se dividem em assindéticas e sindéticas, e estas se subdividem em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

— Qual é o coletivo de borboleta?

(Depois, eu vim saber que é "panapaná")

— Qual a importância dos poros existentes no corpo dos poríferos?

— Por que o cnidoblasto é importante na sobrevivência dos cnidários?

— Qual a particularidade existente no intestino do tubarão?

Ao ler esse material não pude deixar de sentir a viva sensação de estar ouvindo a Rádio Relógio Federal... Qualquer pessoa de bom senso não hesitaria em chamar esse processo de "entupimento cultural do aluno". Entupido, ele se engasga; engasgado, não protesta; não protestando termina por engolir o que, goela abaixo, empurram-lhe numa comilança de "saber socado" que o transforma, afinal, em um empanturrado *gourmand* de indigesta sabedoria.

Entendo que a filosofia dos conteúdos programáticos deve estar centrada mais no conceito do útil do que no enciclopedismo pretencioso. A meta, pois, deve ser a extinção de tudo aquilo que pretenda fazer do estudante de 1º e 2º graus um *sábio* precoce para, em seu lugar, dar-lhe conhecimentos muito mais importantes para a sua vida de cidadão, pois é nela que ele vai atuar e é nela que ele nasce, casa, mora, investe, morre, herda, compra, vende, viaja, paga tributos e cultua a política e a arte. Todos estes atos e fatos da vida — e muitos outros — geram situações fundamentais no processamento do nosso próprio dia-a-dia e nenhuma palavra se pronuncia em aula ou se registra em livros didáticos de tudo isso que ele, estudante, aqui fora, vai ter que vivenciar, quer queira, quer não.

Impõe-se que demonstremos a vontade política de fazer dos programas uma atração para os alunos, e não um conjunto de ensinamentos que provoque o seu desinteresse e até mesmo a sua repulsa.

É claro que os especialistas teriam capacidade para uma revisão inteligente. É claro que não é inalcançável uma racionalização de conteúdo. É claro que, na pedagogia, não se desconhece a aliança do útil com o agradável. O que falta, portanto, é aquela vontade política de comandar uma reformulação do que estamos ensinando.

Eu fico, às vezes, me perguntando se não foi esse "ensino por volume" que veio esvaziando o alunado, ano a ano, em decorrência de uma pertinaz posição de inércia de todos nós que nos intitulamos educadores. Não quero ter a pretensão de sentenciar, mas não resisto à tentação de indagar: se nós não aposentarmos, já, esta escola de hoje, não ocorreria o risco de, amanhã, ela, jubilada por exaustão, cair numa inevitável compulsória?...

Reconhecer o imobilismo talvez seja o primeiro passo para que não se torne realidade o intrigante título do famoso livro de Everett Reimer: *A escola está morta*. Creio que neste "confeiteiro", devo aproveitar a oportunidade para exortar os educadores (diretores de estabelecimentos de ensino, professores e autores, pedagogos e pensadores) a meditem sobre a celebração do réquiem de nossa escola atual, dobrando-se-lhe, respeitosamente, os sinos antes que outros sineiros, estranhos ao nosso ninho, o façam...

Quanto ao seu epitáfio, ninguém mais, ninguém menos do que o próprio presidente da República encarregou-se de redigi-lo, fazendo-o publicar nos seguintes termos: "O papel do ensino básico é simplesmente crucial. No caso brasileiro, representa a carência mais profunda e desumana entre as muitas que compõem a dívida social. Milhões de jovens brasileiros são condenados a uma vida frustrada, a uma existência tosca, que leva muitas vezes à marginalidade, por um sistema insuficiente, ineficaz e deficiente das escolas de primeiro grau."

* Presidente do Conselho Empresarial de Educação, diretor do Colégio Anglo-Americano e membro da Academia Internacional de Educação